REMINISCÊNCIAS POÉTICAS, O OLHAR DE USLEÍNA MOTA

Organização: Rafael Alves Oliveira, Charles Alexandre Porto e Fausto de Melo Faria Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mota, Usleína
Reminiscências poéticas, o olhar de Usleína Mota [livro eletrônico] / Usleína Mota; organização Rafael Alves Oliveira , Charles Alexandre Porto, Fausto de Melo Faria Filho. -- Ceres, GO : Ed. da Autora, 2022.
PDF.

ISBN 978-65-00-52783-4

1. Poesia brasileira I. Oliveira, Rafael Alves. II. Porto, Charles Alexandre. III. Filho Faria, Fausto de Melo. IV. Título.

22-128241 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ORGANIZAÇÃO:

Rafael Alves Oliveira

Charles Alexandre Porto

Fausto de Melo Faria Filho

REVISORES:

Carla de Oliveira Toniolo

Ana Júlia Gonçalves

Fernanda Silva Rodrigues

Gabriela Gonçalves Magalhães

Giovana Lissa Martins Araújo

Sayuri Damico Kurimori

Thiago Cassimiro de Lira.

EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO:

Peterson Silva Ribeiro

Fausto de Melo Faria Filho

O ENTRE LUGAR: NOTAS SOBRE UMA POÉTICA GOIANESIENSE

Por: Rafael Alves Oliveira

A perspicácia de Usleína Mota não se associa ao empréstimo ou transferência de uma técnica específica, no entanto, inadvertidamente, imprime significância aos elementos constitutivos dessa mesma prática, ou seja, concilia matérias que se fizeram notabilizar por intermédio de poetas ocidentais, repercutindo em amplos cenários. Considerada uma obra pouco difundida, principalmente por contemporâneos, porém notabilizou-se pela contribuição aos estudos da lírica moderna. A poetisa potencializa uma concisão sem registros na poesia de seu idioma. Confere um novo entre lugar para figuras, como: metáfora e metonímia na explanação do poético, tornando notória a iminência de uma poesia que esteja em detrimento de uma arte intrínseca à realidade, não necessariamente a famigerada individualidade do ser que orbita nos versos, pois é posto como membro insolúvel dessa integridaderealística.

Nesse sentido, a coerência narrativa presente nos poemas solicita um sujeito lírico psicologicamente perturbado para que se construísse o elogio irônico, uma vez a eficácia equiparável do narrador circunspecto que edifica um enunciado moralizante, restringindo a jocosidade dos poemas. A poeticidade de Usleína Mota não possui perfil confessionário. Ademais, tematiza em sua lira distinções da prática campesina e sua contrapartida nas metrópoles, inserindo o papel feminino. Há um percurso transgressor em Frutos do Outono, paradigmas poéticos arregimentados pelo estilo literário antirromântico.

O rompante do artista e, por conseguinte, os discursos da natureza conjugam o funcionamento criativo de um poeta. Octávio Paz (2012), exemplificando, em O arco e a lira, problematiza que tal empreitada de labor criativo, das práxis poéticas, adquire consistência ao percorrer no alcance do que possa estar na outra margem, a saber: o potente e invisível. O exemplar de Frutos do Outono apresenta excertos contidos na contracapa a ponderação de que a escritora, sob o viés interpretativo de Susan Sontag, seria o responsável por flagrar o mundo em seus pormenores, pois a poeta estaria a serviço de acarretar espanto frente a acachapante realidade que o mundo desvencilha e, sobretudo, consegue fazer a linguagem se espantar com ele – ambicionar pelos saltos.

Na técnica poética, o empenho se denota no aperfeiçoamento do artista em idealizar/arquitetar o poema propriamente dito ou semelhante estrutura, por sua vez, é amplamente significativo para o enriquecimento do sujeito lírico. A autoria que atrela a inspiração é estigmatizada, tendo em vista o poema sob o preâmbulo do transcendental, perfeccionista, advindo de seres mitológicos (musas). No contexto naturalístico, o esforço concentra-se nas mutações consigo mesma, possibilitando o modelo cíclico (vida/morte) e a fabulação encontra no âmbito natural o que há de genuíno e elevado, religioso. Na parte dialógica com a sociedade, a valoração se dá pela periclitância das mazelas sociais e a execução é compreendida pejorativamente, quando se restringe ao teor solúvel ligado ao plano divino. A poetisa concilia o uso da euforia, logo no início e do mesmo modo encerra explorando a euforia, retomando o pensamento do poema em movimento (ciclo) e aderindo a confirmação no paradigma estruturante da narrativa, pois a insipiente primeira parte dá aditivos ao prazer do Eu em assinar a obra e sentir a incumbência solucionada. O sujeito lírico ainda se aproxima de sentidos outros, a saber: o poema nutre altivez interpretativa; o lirismo está intimamente realizado com seu exercício (produção); autonomia das competências que explanam a objetividade do feito. Essa construção versificada induz a pretensão finita do poema ou propriamente sua finalidade.

Os entrecruzamentos na relação prosa e poesia estão atingindo realocações provenientes do cenário contemporâneo da poesia, especialmente pelos dados aqui dinamizados acerca da poética experimental de Usleína Mota. Considerando o emblemático tensionamento existente na atual conjuntura poética – tensão esta interligada pela ausência de qualificação por parte dos escritos e sua contrapartida na ambientação leitora – desta forma, rechaçam os escritos contemporâneos adotando a manutenção da literatura referendada pela crítica canônica. Usleína Mota confere à Goianésia, o que há de mais significativo em termos do dialogismo e denota para reverberações que possivelmente endossarão a sensibilidade de identificar a temporalidade presentificada distante de maneirismos, todavia repleto de imbricações oriundas do debate e, por conseguinte, redefinir os formatos poéticos da contemporaneidade.

Usleína Mota almeja estender a realidade pela faceta sonora que provém de cada unidade lexical e sua funcionalidade no plano do "dito", conjecturar devidamente irmanados a nossa ficção, e desta maneira assegurar que não haja extravio das

funções estratégicas de cada léxico. As multiplicidades nos empregos correntes de ambientações distinguíveis e certamente solidificados concentram-se no direcionamento de uma "ação direta", no tocante aos escritos de Nathalie Quintane, porém aliado ao componente sugestionado pela ecologia, viabilizando uma possibilidade de usufruir a referida herança poética que sobrepuja e é refread do no que atinge ao híbrido de sua poesia pela prosa,acabam por se tornar modos de encontrar-se no mundo palpável, para instaurar comunidade, ou, como necessita o vitalismo de Nietzsche, assegurar o ser, o puro devir.

Portanto, chega-se a conclusões que definem a procura ininterrupta por um vozeamento próprio, ou seja, trata-se de uma geração sediada por um espaço multifacetado e polifônico. A autoria poética na procura de sua dicção autônoma. A multiplicidade no plano linguístico é o promovedor da poesia contemporânea.

DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Editora 34, 2000.
DELEUZE, Gilles. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Editora Escuta, 2002.
DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2011.
FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1991.
PAZ, Octavio. O arco e a lira. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
PESSOA, Fernando. O eu profundo e os outros eus. Seleção: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2008.

À memória de Maria Ivony Corrêa Guimarães, amiga e companheira nas lides literárias.

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

O poeta é aquele a quem Deus deu o dom da sensibilidade para ver a poesia nas coisas simples do dia a dia. É também sensível aquele que ao ler ou ouvir um poema, observar uma flor, um pôr do sol, um pássaro, perceber em tudo isto a beleza da obra do Criador.

Costuma-se dividir a existência humana em quatro partes correspondentes às quatro estações do ano. Primavera - o início da vida, a infância onde tudo é riso e alegria. Verão - idade adulta onde predomina o vigor, a saúde, as grandes realizações. Outono - é o amadurecimento da vida, idade das experiências adquiridas com o tempo onde coexistem o equilíbrio e a sensatez. Inverno - é o crepúsculo da vida, idade em que o homem caminha inexoravelmente para o fim.

Apresento, pois, ao distinto público leitor esta coletânea de poemas que intitulei "Frutos do Outono" pelo fato de terem sido escritos numa época de minha vida a que posso chamar de outono.

Meus sinceros agradecimentos primeiramente a Deus por ter-me concedido vida e saúde para poder expressar em "Frutos do Outono" a poesia que Ele mesmo colocou em meu coração.

Agradeço aos familiares que sempre me motivaram a escrever, aos colegas poetas que compõem a nata literária da sociedade goianesiense, e a todos que apreciam a Língua Portuguesa expressa em forma de versos.

De uma forma toda especial, agradeço ao Exmo Sr. Dr. Gilberto Batista Naves, Prefeito Municipal de Goianésia, pela brilhante iniciativa de criar o Decreto que possibilita a editoração de nossos livros. Agradeço também a Presidente do Centro Cultural Berchiolina Rodrigues, Sra. Renata Scarpelini Fernandes Stival que com toda sua competente equipe nos ajuda ver nossos escritos publicados.

O meu desejo é que "Frutos do Outono" proporcione ao leitor momentos de prazer e reflexão na beleza que existe nas coisas simples da vida.

Usleína de Oliveira Mota

SUMÁRIO

FRUTOS DO OUTONO 12
SONETOS (PARTE 1) 13
O SONETO 14
A NOITE DA ROSEIRA 15
HOMENAGEM 16
VIR E IR 17
ACESSOR E ACESSÓRIO 18
GIRASSÓIS 19
PONTES 20
COMPENSAÇÕES 21
SONETO DA AMIZADE 22
UVAS VERDES 23
VASO QUEBRADO 24
OFERENDA 25
RAÍZES E ASAS 26
BARUZEIRO 27
A ÁGUIA E A TARTARUGA 28
ORIGINAL E PARALELO 29
PONTOS DE VISTA 30
ÉTICA E ESTÉTICA 31
RETROVISOR 32

POEMAS RELIGIOSOS (PARTE 2) 33
AJUDA 34
ANTÍTESES 35
E UMA IGREJA NASCEU... 36
RENOVAÇÃO 38
BUSCA 40
INSENSIBILIDADE 41
SALMO DA PAZ 42
CARTA DE AMOR 43
O QUARTO HOMEM 45
TRÊS MULHERES 47
OUTROS POEMAS (PARTE 3) 48

VERBI GATIA 49
DECLARAÇÃO DE AMOR 51
CIDADE NOVA À MODA ANTIGA 52
SER SOLDADO 54
COISAS E GENTE 55
VIAGEM 56
ENTRAVES 58
ERA UMA VEZ 59
PORTA-RETRATO 61
O VOO DO POETA 62
A UM MAGISTRADO 64
MEU SONHO DE AMAR 65
COMPARAÇÃO 66
LEMBRANÇAS 67
SOBRANCELHAS DE MONA LISA 68
SEMEANDO POESIA 69
CANTO 70
CLIPS 72
SINGULAR E PLURAL 73
FLORES 74
MALA POSTAL 75
POR TRÁS DOS BATIDORES 76
APÊNDICE LITERÁRIO (PRODUÇÕES PANDÊMICAS) 77
A BOLSA E O GUARDA-CHUVA 78
PAIXONITE – "CAUSO" 80
O RELÓGIO DE MIROVEU 82
ERA DIGITAL 83
A COMPANHIA 84
VIDA 86
COLAR DE PÉROLAS 87
CALÇÃO DE COURO 88
CRUZEIRO VELHO 89

FRUTOS DE OUTONO

SONETOS

O SONETO

O Soneto foi inventado no século XIII por Giacomo de Lentino, poeta siciliano da corte de Frederico II, em Palermo.

A palavra soneto vem do provençal "sonet", diminutivo de som e era a letra de uma pequena melodia.

Dante e Petrarca foram os primeiros grandes poetas a compor sonetos.

A partir do século XVI o soneto foi divulgado na Europa e jamais perdeu terreno para qualquer outra forma poética.

Em Portugal, o soneto entrou através de Sá de Miranda em 1527.

No Brasil, o soneto passou a ser cultivado somente no século XVII com o grupo de poetas da Bahia principalmente com Gregório de Matos Guerra. São exemplos de poetas que escreveram sonetos: Cláudio Manuel da Costa, Alberto de Oliveira, Machado de Assis, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Cruz e Souza, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Vinícius de Morais e outros.

Soneto-poema de forma fixa com 14 versos.

"Um máximo de sensibilidade e inteligência num mínimo de palavras"!

A MORTE DA ROSEIRA

Era uma bela e jovem roseira
Que soube dar rosas a vida inteira
Num jardim por mãos hábeis cuidada
Nenhuma estação a viu desfolhada
A todos supria de rosas amarelas
Os vivos, os mortos, as salas, as capelas
Não negava nunca sua rara beleza
E tudo doou sem nenhuma avareza
Mas o tempo que a nada perdoa
Volveu seu olhar à ditosa roseira
E rapidamente lhe arrebata a coroa
E suas raízes, sem forças, vencidas
Após anos de doação inteira
Jazem inertes, inúteis, sem vida

HOMENAGEM

Nasce o rio entre duras penhas
Filete fraco por entre as brenhas
Toma corpo, cresce, aumenta
Majestoso e forte, tudo enfrenta
Altivo, impetuoso em seu leito
Despenha-se em cascatas, impõe respeito
Depois, aquietando-se em calmos remansos
Rumo ao estuário, busca descanso
Amigo, à semelhança do rio
Que nasce, cresce e depois se finda
Nasceste, cresceste com valor e brio
Trouxeste em teu seio o amor, a vida
E tua jornada foi deveras linda
Mas agora descansas, acabaste a lida

VIR E IR

Vinde a mim, disse o Mestre
Vós que estais mui cansados
Vinde e vos aliviareis
Do vosso fardo tão pesado
Outra vez, disse Jesus
Ide levar a mensagem da cruz
Aos perdidos que marcham em vão
Levai-lhes a palavra da salvação
E nessa ordem aparentemente paradoxal
De vir e ir ao mesmo tempo
Não há contradição nem mal
Pois o Mestre sabe mui bem
Que a vida é apenas um momento
De espera pelo gozo do Além

ACESSOR E ACESSÓRIO

Útil, indispensável, prestativo
Aquele que está sempre ativo
É o operoso assessor
Incansável em seu labor
Porém, há sempre alguém
Que finge ser assim também
Na aparência mostra trabalho
Mas seu desempenho é falho
O assessor nunca bajula
Apenas respeita o chefe
Não elogia nem adula
Mas o acessório, na sua euforia
Julgando que seu mérito cresce
Lisonjeia e faz apologia

GIRASSÓIS

Oh! Divinos e áureos girassóis
Deslumbrantes imitações de sóis
Corola e pétalas em haste tão fina
Girando, girando, enfim se inclina
De manhã, aos rubores d'aurora
Levanta-se garboso, de amarelo se enflora
Em vinda a tarde, despede a beleza
Exausto se curva, depõe a grandeza
Muita gente no albor da vida
Ergue-se altiva, feliz e venturosa
Jamais supondo haver uma descida
E como são tristes os fins de história
De gente que um dia julgou ser ditosa
E agora se curva, despida de glória

PONTES

Rústicas, de simples toras
Construíram-se as pontes de outrora
Sobre rios, vales e depressões
Unindo vilas, cidades, até nações
As de hoje são de cimento
Construções fortes do momento
Mas com a mesma finalidade
As pontes unem a humanidade
Também quero construir pontes
Não de toras ou de cimento
Que liguem rios, riachos ou fontes
Quero pontes de paz, permanentes
Que desmanchem todo desentendimento
Que desfaçam ilhas e construam continentes

COMPENSAÇÕES

Há muitos espinhos pelo caminho
Porém as rosas são cheias de carinho
Se nos queima o calor do sol
Encanta-nos ele co´ o arrebol
A chuva que causa grandes enchentes
Também fecunda a terra pra gente
A noite escura que causa pavor
Contém perfumes e sussurros de amor
Nem tudo possui só o lado ruim
No mundo existe também a bondade
Agradeço a Deus que seja assim
Se num dia a sorte nos mente
No outro sorri a felicidade
E assim prossegue a vida da gente

SONETO DA AMIZADE

Pleno de luz, majestoso
Raia o dia, glorioso
No Zênite mostra grandeza
Cai a tarde, morre a beleza
A flor que nasce na alvorada
Bela, perfumosa e orvalhada
Desfaz-se num só momento
Sob o sol, o calor e o vento
Assim, nessa efemeridade
Passam o dia, a flor, o encantamento
Deixando apenas a saudade
Porém, num mundo de finitudes
Onde só se valoriza o momento
A amizade é a mais bela das virtudes!

UVAS VERDES

Raposa astuta e matreira
No seu caminho encontra a videira
Pula que pula, não alcança
Logo desiste, sem esperança
Mas... deixar assim... tão vencida?!
Sem provar as uvas apetecidas?
Lança um olhar e diz desdenhosa!
- Não prestam, estão verdes, amargosas
No correr de meus dias também
Tenho almejado as uvas da vida
Que sempre estão mais além
E, parafraseando a fábula em questão
Olho as uvas e digo convencida:
- Estão verdes, melhor deixar de mão!

VASO QUEBRADO

Lindo vaso de porcelana antiga
Enfeita a sala aconchegante, amiga
Receptáculo de perfumadas flores
Que tudo inunda de doce odores
Num dia de arrumação total
Acontece o imprevisto-grande mal!
Resvala-se o suporte-descuido ou acaso?
Em mil pedaços jaz o belo vaso
Do meu pedestal também caíram
Preciosos tesouros, ornatos de valor
Ante meus olhos todos ruíram
E, avaliando o bem findado
Jóias conquistadas com suor e dor
Por que chorar por um vaso quebrado?!

OFERENDA

Em Betânia, pequenina aldeia
O Mestre, à mesa, espera a ceia
Em casa do amigo Simão
Conversam, em alegre reunião
Eis que chega ali uma mulher
Sem nome, incógnita, qualquer
Que num ato de sublime amor
Derrama perfume e unge o Senhor
Como fez a mulher naquele dia
Numa ação que o Mestre aprovou
Ungir-te, Senhor, também eu gostaria
Só que em vez do perfume de valor
Que a mulher de Betânia derramou
Trago minhas lágrimas, aceita-as, Senhor!

RAÍZES E ASAS

Gigantesca árvore na floresta
Lição de firmeza nos presta
Faz dos vendavais uma aventura
Pois nas raízes se sente segura
Irrequieta andorinha no céu
Corta os ares voando ao léu
As asas vencendo a imensidade
Símbolo concreto de liberdade
Quisera possuir da árvore a firmeza
Sorrir de infortúnios e agruras
Ter na segurança a maior riqueza
Mas também subir ao infinito
Quebrar amarras, voar nas alturas
Fazer ecoar no céu o meu grito!

BARUZEIRO

Oh! Velho baruzeiro querido
Testemunha viva de tempos idos
Ao lado da velha capela
Sobrevives ao destino dela
Tuas raízes fincadas no chão
Teus galhos voltados pr´ amplidão
Recordas os dias de Laurentino
E segues passivo o teu destino
Hoje conservas ainda o vigor
O tempo não destruiu tua vida
Porque és testemunha do amor
Do amor de um povo mui forte
Que em dias de duras lidas
Caminha firme rumo ao seu Norte.

A ÁGUIA E A TARTARUGA

Águia soberba e potente
Do alto se avalia contente;
- Sou das aves a mais poderosa
Na visão, na força, sou gloriosa!
Enquanto a tartaruga no chão
Auto-avalia sua posição;
- Sou o exemplo da vagareza
Ninguém vê em mim beleza
Mas na linha do horizonte
Impetuoso furacão se investe
Contra as árvores, a terra e os montes
A águia tem as asas quebradas
Ao passo que a tartaruga terrestre
Jaz tranqüila, ilesa, poupada

ORIGINAL E PARALELO

Em meio a estranhas parcerias
Há mistérios que mui raro se avalia
Pois unidos por imperceptível elo
Convivem o original e o paralelo
Tal qual joio junto ao trigo
Que a razão sempre intriga
Aliás, tão inversa convivência
Só é igual na aparência
Pois o passar do tempo ligeiro
Que tudo desvenda e nada encobre
Separa o falso do verdadeiro
E quem quis passar por original
No mundo onde tudo se descobre
Viveu de ilusão, existência irreal

PONTOS DE VISTA

Pequena formiga diligente
Esbarra num torrão à frente:
- Que maçada! Que problema!
Como sair desse dilema?!
Majestosa águia altaneira
Do alto avista a cordilheira:
- Que montanhas tão pequenas!
São montículos apenas!
Assim acontece, às vezes
Na vida diária da gente
Diante de situações e revezes
O grande que do alto se avista
Ou o pequeno a nossa frente
Depende do ponto de vista

ÉTICA E ESTÉTICA

Muitos, grande valor dão ao visual
À aparência, atenção total
Ao que se mostra, grande desvelo
Pois o que importa é ser belo
Para outros, vale a beleza interior
A alma, ao corpo é superior
Vale o esforço para o espírito enriquecer
De todos os valores, nenhum esquecer
Ideal seria ter beleza externa
Aquela por muitos desejada
E que fosse também eterna
E, adicionando à beleza corporal
A formosura de um espírito cultivado
O encanto da alma imortal.

RETROVISOR

O prudente condutor
Volve o olhar ao retrovisor
Se o perigo está atrás
É certo o que ele faz
No trânsito é mui prudente
Olha também para frente
Preocupa-se com os lados
Procura não andar errado
Porém, no trânsito da vida
Não convém olhar para trás
Reviver guerras já vencidas
Demonstra, pois, sabedoria
Quem busca somente a paz
Olhando pra frente, dia após dia.

POEMAS RELIGIOSOS

AINDA

A chuva ainda não molhou a terra
Mas posso perceber no horizonte
Nuvens pejadas de água
O fruto ainda não se mostra colorido
E apetitoso nas árvores
Mas percebo pequenos botões
Que garantem flores e frutos
A criança ainda é incapaz
De discernir entre o bem e o mal
Mas vejo em seus olhos
Toda a potencialidade
De um ser capaz e inteligente
Ainda não vejo o ouro
Brilhando numa jóia
Mas sei que no seio da terra
Ele aguarda ser encontrado, trabalhado
Muitos e muitos ainda sofrem injustiças
São objetos da marginalização
Mas o Sol da Justiça brilhará
Iluminando todo o Universo
Ainda é esperança,
Ainda é certeza de alegrias
Ainda é Deus nos dizendo
Que nem tudo está perdido.

ANTÍTESES

Tudo tão perto,
Mas tudo tão longe...
Vizinhos tão perto,
Amizades tão longe...
Sonhos e planos tão pertos,
Realizações tão longe...
O coração tão perto,
Os sentimentos tão longe...
A família tão perto,
E o amor tão longe...
Só Deus que parece tão longe,
Está perto... tão perto...!

E UMA IGREJA NASCEU...

Num longínquo setembro
Nos idos de quarenta e dois
Aqui chegou Waldemar Rose
Vindo de terras de além mar
Para na pequena Calção de Couro
O Evangelho de Jesus semear
A Semente Santa foi lançada
Pelas mãos do semeador
E encontrando terra fértil
Germinou sem mais tardar
Pela ação do Espírito do Senhor
Cultos nas casas, aqui, ali
Como no tempo de Jerusalém
E a primeira Escola Dominical
Se fez presente também
Para ensinar a grandes e pequenos
O que a palavra de Deus contém
Vieram outros, muitos outros
Cuidar da lavoura de Deus
Pastorear o pequeno rebanho
Guiá-lo no caminho dos céus
Mil novecentos e quarenta e nove!
O trabalho não foi em vão
Rev. Ricardo Taylor batizava
Os primeiros convertidos
Aqueles que foram remidos
Pelo Sangue de Jesus.
A Igreja não parou
Cresceu, se multiplicou

Edificou um belo Templo
Para a Glória do Senhor
E em primeiro de novembro
De mil novecentos e sessenta e sete
Como Igreja se organizou
Mais de meio século e passado
Desde que o Evangelho aqui chegou
Muitos vieram e já se foram
Alguns para a Glória com o Senhor
Mas a Igreja Presbiteriana Central
Cumprindo o mandamento Divino
Continua em Goianésia
Qual farol em meio às trevas
Mostrando ao povo goianesiense
A verdadeira luz
Que é o Senhor Jesus!

RENOVAÇÃO

Se andas pelo vale escuro
Em sombras às vezes da morte
Levanta a voz e canta
Louvor bem alto e forte
Se observas, constrangido
A prosperidade do perverso
Entoa a Deus louvores
Nesse momento adverso
Se temes o terror noturno
E a seta que voa de dia
Lembra que Deus habita
Onde há canto, louvor e alegria
Se em teu curral faltam ovelhas
Se vazia está tua despensa
Mesmo assim entoa hinos
Que de Deus virá recompensa
Se tu podes louvar
Pela beleza do céu, do mar
Pelo sorriso da criança
E pelas horas de bonança
Pela chuva, pelo sol
Pelo ocaso e pelo arrebol
Pelo verde, pelas flores
Pelos momentos de amores...
Louva também na adversidade
Na solidão e na saudade
Nas incertezas da vida
E também nas duras lidas
Pois o louvor é a chave

Que abre as portas do coração
Para que a cada momento
Deus opere em nós Renovação!

BUSCA

A ave busca o seu ninho
A ovelha o seu redil
Colibri busca nas flores
O seu néctar mais sutil
O sábio busca ciência
O soldado a pátria amada
O jovem busca alegria
Cedo, tarde, às madrugadas
A criança busca a mãe
O velho busca descanso
O pescador claras águas
Águas claras de remanso
Numa busca incessante
Tudo vive a procurar
Busca a ave, o rio, a fonte
Por que não hei de buscar?
Busco a amizade dos homens
Busco vida, riso, amor
Numa sábia prioridade
Busco a paz do meu Senhor.

INSENSIBILIDADE

A caminho para Jerusalém
Descia um homem, um alguém
Que caindo nas mãos de salteadores
Ali ficou, desvalido, em dores
Passava por aquele caminho
Um sacerdote, indo sozinho
O qual vendo o morimbundo
Passou de largo, rumo ao seu mundo
Passou o levita, daí a um tempo,
Homem da música, cantor do Templo
Que vendo também o homem ferido
Seguiu seu caminho, desapercebido
Também passou por aquelas paragens
Certo samaritano, em viagem
E vendo ele o homem no chão
Condoeu-se, cheio de compaixão
Chegando ele onde o homem jazia
Desceu rápido de sua montaria
Aplicando no ferido óleo e vinho
Cuidou dele com muito carinho
Depois colocou-o sobre o cavalo
E à hospedaria foi levá-lo
Deixando-o aos cuidados do hospedeiro
Tudo pagou com o próprio dinheiro
Estando a isto ouvir, o homem da Lei
Perguntou ao Mestre: Então, que farei?
Usa de misericórdia, disse Jesus
E herdarás o Reino da Luz.

SALMO DA PAZ

Senhor, Deus meu,
Se contemplo a fúria do mal
Volvo o meu olhar para os céus
E sinto a Tua paz!
Senhor, Deus meu,
Se ouço o incréu
Duvidar do Teu poder
Olho Tuas obras magníficas
E sinto a Tua paz
Senhor, Deus meu,
Se percebo a avareza do rico
A ajuntar mais e mais no celeiro
Conto as bênçãos de Tuas mãos dadivosas
E sinto a Tua paz
Senhor, Deus meu,
Se percebo a frieza, o desamor dos homens
Contemplo Teu Filho morrendo por amor
E sinto a Tua paz
Senhor, Deus meu,
Porque Tu me escolheste
Porque Tu me ensinaste
Sobretudo porque muito me amaste
Eu posso sentir a Tua paz

CARTA DE AMOR

Há uma certa carta
Destinada a muitos bilhões
Em cada canto da Terra
Ela chega aos corações
Foi escrita na eternidade
Esta bela carta de amor
Não veio via correios
Mas direta ao pecador
É realmente uma carta magna
A mais perfeita constituição
Orienta a quem a ler
A qualquer um, sem acepção
A carta é bastante longa
Missiva que veio dos céus
Enviada aos cidadãos da terra
Aos justos, aos ímpios, até aos réus
Ela é mapa seguro
Pra quem navega em bravo mar
É bússola que mostra o norte
Não permite a ninguém errar
É também luz e lâmpada
Pra iluminar bem o caminho
Quem ama de coração esta carta
Jamais caminhará sozinho
Passará o céu e a terra
Tudo que existe, aqui se encerra
Mas a carta da qual eu falo
Posso afirmar e não erro
Jamais será destruída

Nem ao fogo será consumida
Pois o Senhor dos Exércitos e o seu remetente
E pelo Espírito Santo de Deus
Ela chega ao coração do crente
Ela é poderosa espada
Imbatível contra as forças do mal
É a querida Bíblia Sagrada
Livro Santo, não há outro igual!

O QUARTO HOMEM

Há centenas de anos atrás
Muito tempo já se faz
Havia um rei, um grande senhor
Por nome de Nabucodonozor
Tal rei lançou mão do seu tesouro
Construiu uma imagem de ouro
E um decreto foi baixado:
O ídolo seria por todos adorado
Ao ouvirem o som da trombeta
Todos, sem nenhuma exceção
Deveriam ajoelhados, prostrados
Se curvarem em adoração
Havia ali na Babilônia
Três homens, cativos dos judeus
Que afirmaram somente adorar
O Criador, o verdadeiro Deus
Sadraque, Mesaque, Abede-Nego
À presença do rei foram trazidos
E intimados a adorar
O deus de ouro fundido
Os três homens se negaram
A obedecer a ordem real
Disseram preferir morrer
Que cometer pecado tal
O rei, então enfurecido,
Mandou a fornalha acender
Sete vezes mais intensa
Do que costumava fazer
Os três rapazes foram atados

E jogados dentro do fogo
O rei de longe olhava
E com ele todo o povo
De repente, espantado,
Aos sátrapas o rei perguntou:
"_ Não foram três os rapazes
Que na fornalha se jogou?"
"_Sim, responderam eles
Obedecemos o seu real mando"
O rei disse: "Vejo quatro
No meio do fogo, passeando!"
"_ Conheço bem os rapazes
São cativos, são judeus
Mas o quarto que eu vejo
Tem o aspecto de um Deus"
O rei se chegou à fornalha
E em alta voz clamou:
Sadraque, Mesaque e Abede-Nego
O verdadeiro Deus os salvou!
Ajuntaram-se as autoridades
E puderam observar
Que o fogo nenhum dano pode
Aos servos de Deus causar
Nabucodonozor reconheceu
O Deus, o Todo-Onipotente
E afirmou que não há outro
Que possa livrar o crente

TRÊS MULHERES

Graça, Lia e Isabel
Cada qual no seu papel
Graça, Lia e Isabel
Isabel, Lia e Graça
Mulheres que mostram raça
Isabel, Lia e Graça
Graça, Isabel e Lia
Unidas na mesma porfia
Graça, Isabel e Lia
Pela graça de Deus alcançadas
Vidas salvas pra servir
Três mulheres consagradas
Esperam a glória do porvir
Levando o Evangelho do Mestre
Sempre prontas a testemunhar
Três mulheres abençoadas
Caminham rumo ao Lar
Um dia, na Eternidade
Quando a lida tiver fim
Três mulheres radiantes
Ouvirão o "Vinde a mim"
Graça, Lia e Isabel
Cada qual no seu papel
Graça, Lia e Isabel

OUTROS POEMAS

VERBI GRATIA

Numa obscura oficina
O artista pálido, desconhecido
Busca do fundo do seu subjetivismo
A essência do Belo
Que lhe custa a seiva, o sangue, o sono
Para surgir dali
A Arte que deslumbra os olhos, a alma.
No fundo dos oceanos
Longe dos olhos humanos
A feia ostra sofre
Para produzir a deslumbrante pérola
Desejada, procurada, cobiçada.
É madrugada
E ele ainda vela
Curvado sobre sua mesa de estudos
Observa, medita, calcula, pondera
Buscando em complexos emaranhados de fórmulas
Aquela luz bendita
Que virá amenizar
A dor da humanidade.
O pão saboroso sobre a mesa
Que alegra os olhos e incita o apetite
E satisfaz a fome
Custou também o suor, a fadiga
De alguém sem nome, incógnito
Que não buscou troféus
Pelo seu duro labor.
A alma lavada, regenerada

Que um dia chafurdou nos pantanais da vida
Custou o sacrifício do Homem
Sobre um monte desolado
Fora das portas da cidade.
O brilhante que ora vês
Em fulgurantes irisões
Nas corvas, nas finas mãos
Saiu, um dia, das brutas lavras
Das mãos rudes dos garimpeiros
E da penosa lapidação.
Do parto sangrento, doloroso
Que rasga e dilacera o corpo e a alma
Surge o filho, dádiva maior
Que a ditosa mãe embala
Com risos nos olhos, nos lábios, no coração.
Assim também é a poesia
Esta Arte, esta Pérola
Este Remédio , este Pão
Esta Alma Renascida
Este Brilhante, este Filho.
Também é fruto da dor, do sofrimento
Da alma solitária e sensível
De alguém que, um dia,
Nasceu Poeta!

DECLARAÇÃO DE AMOR

Goianésia!
Conheci você ainda bem pequenina
Mas solidamente plantada nesses trópicos
Você que nasceu da concepção de um homem forte
De um bandeirante moderno
Como fruto do espírito de sua gente
Antes, umas ruazinhas, bêbadas, lamacentas...
Uma igrejinha solitária no descampado
Casas jogadas aqui, ali...
Gente vindo a pé, a cavalo
Para os noivados, casamentos e procissões
Agora você se veste de roupagens novas
Ruas vestidas de negro como mulheres elegantes
Casas vestidas de branco
Maquiadas exoticamente
Pelas mãos dos arquitetos
Avenidas verdes, praças de mil cores
Escolas, bancos, bares e bazares
Borbulhando como hemácias leucócitos
Nas veias de um ser novo e sadio
Goianésia, você cresceu
Tornou-se mulher
Vaidosa, erótica, cheia de dengos
E na rede sutil de seu fascínio
Você me aprisionou
Para sempre.

CIDADE NOVA À MODA ANTIGA

Caminheiro que chegas fatigado
De tão longa e áspera jornada
Não tenhas receio, venha!
Nesta cidade sempre há um lugarzinho pra quem chega
E no nosso coração também
Tu que vens de outras plagas
Trazes no rosto o ar cansado
De quem foge do monstro cidade-grande
Do bicho-concreto
E da voracidade da serpente-metrô
Onde a indiferença, o medo, a desconfiança
Se estampa em cada olhar
Onde os homens deixaram de ser humanos
Para serem tão-somente
Produtos enlatados, encaixotados, programados
Nos ônibus-sardinha
Nos edifícios-gaiola
Nas fábricas-sanguessuga
Caminheiro, não conheço tua terra
Nem os costumes que ela tem
Porém te digo com orgulho
Que em nossa doce Goianésia
Ainda se vê crianças a brincar pelas praças
Namorados de mãos dadas pelas ruas
Conversas de amigos nas esquinas
Visitas noturnas às casas dos compadres

As vizinhas ainda trocam pratos sobre o muro
Há festas nas casas de parentes
Enterros são acompanhados a pé
E nas noites cálidas de verão
Ainda se ouve cantorias e serenatas
Ao som do boêmio e malandro violão
Caminheiro que chegas tão cansado
De tão longa e áspera jornada
Senta-te a nossa mesa
Come do nosso pão
Nesta cidade há sempre um lugarzinho pra quem chega
E no nosso coração também.

SER SOLDADO

Ser soldado não é apenas
Vestir uma farda
Portar uma arma
Estar arregimentado a uma corporação
E receber o soldo
"Ser soldado é muito mais!"
É ser o guardião da paz
A certeza da segurança e da justiça
O amparo da criança, do jovem e do idoso
É preservar o patrimônio público e privado
Zelar pela moral e os bons costumes
É tudo isso e muito mais!
Que o povo possa ver no soldado
Um amigo, um irmão
A mão carinhosa que conduz os indefesos
E que sua arma jamais signifique
A violência ou abuso do poder
Mas que seja o distintivo da autoridade
Que se impõe pelo respeito.
Que a imagem do soldado
Não seja a figura do medo
Que assusta as crianças
Mas que seja, antes de tudo,
A imagem do soldado de Cristo
Que luta sob as ordens do Supremo Comandante
Nas fileiras invictas do Bem!

COISAS E GENTE

Não quero coisas
Não quero o tapete macio
Que um dia tanto me custou
Não quero este violão calado
Estes bibelôs preciosos
Objetos de luxo e valor
Não quero coisas
Elas são mudas, insensíveis
Só servem para guardar poeira
E trazer saudades e lembranças
Nem mesmo esse troféu
Do qual, um dia, me orgulhei
Não quero tudo isso
Eu quero gente
Gente que sorri, que chora, briga e discute
Gente que ama e desama
Gente que às vezes é feia
E outras, bonita,
Não quero coisas
Quero gente
Coisas custam muito dinheiro
Mas gente é muito mais caro
Porque gente não custa nada.

VIAGEM

Ainda há pouco
Comecei a viajar Viagem singular
Não levo bagagem
Nem bilhete de passagem
A qualquer momento
Posso ir e posso voltar
Viajo para frente
Viajo para trás
O antes, o agora, o depois
Se misturam, se confundem
Joguei fora o mapa e o calendário
Tempo e espaço não importam
Estou vendo minha avó
Com sua roda de fiar
Com seus tachos reluzentes
Ou a manejar o seu tear
Avanço no tempo e no espaço
E retorno ao agora
Aviões cruzando os céus
Motores roncando
Telefones chiando
Gente correndo, desencontrando-se
Apitos nervosos, buzinas
Um vai-e-vem
Não se sabe pra onde
Viajo para o depois
Obscuro, esse futuro
Horizonte sem fronteiras
Jovens, homens e anciãos
Não sabem pra onde vão
Aqui ficar?

Ou pra Marte se mudar?!
Esconder-se nas crateras da lua?!
Ou simplesmente vagar pelas ruas?
Embarco em mim mesmo
Aterriso no meu chão
Nesse presente, tão ciente
De que a vida transcorre
Como o rio que não retrocede
Sempre rumo ao grande mar
E é preciso saber navegar
Para às praias tranquilas
A qualquer hora chegar.

ENTRAVES

Embora eu queira amar
Não posso
Os corações se fecham ao amor.
Quero oferecer rosas
Mas me intimido diante da idéia
De parecer ridícula
Eu quero ensinar
Mesmo me considerando eterna discípula
Mas as mentes se encolhem
Aquilo que eu possa dar.
Quero também repartir
Os bens que a vida me deu
E são raros os que se dispõem a aceitar
Gostaria de compartilhar
A vida, as vitórias, mesmo os insucessos
Porém ao há quem queira
Repartir ou usufruir comigo
O riso ou a dor
Porém o maior entrave
Para o amor, as rosas, o compartilhar
Sou eu mesma
Na minha incapacidade de ser espontânea
De ser simples e transparente
De reconhecer que o meu próximo
Ê um ser tal como eu
Carente de amor, de rosas
De ensino e de partilha

ERA UMA VEZ

Era uma vez...
Não é assim que começam as histórias?!
Essa também era uma vez...
Uma menininha que nasceu
Cresceu como toda menininha
Teve infância, só que foi um pouco diferente
Não havia bonecas compradas,
Não havia festas de aniversário
Nem Papai Noel, nem nada
Mas era feliz,
Havia bonecas de sabugo de milho
Cercas de curral para empoleirar,
Frutas verdes, bica d ' água, monjolo
Conversas de gente grande pra escutar
Mas como não podia deixar de ser
Pois tudo, um dia, tem que acabar
A infância foi embora
Como alguém que pega a mala
E viaja pra muito longe
Sem nuca poder voltar
Adolescência, mocidade, idade adulta
Ah! Parece que foi tudo ontem.
As alegrias, tão poucas
Ouve-se ainda as vozes roucas
Que o tempo não conseguiu apagar
E a menininha?
Ela ainda está a sonhar
Com as bonecas improvisadas
Com os sonhos de namorada

E ainda mais,
Sonha com a vida almejada
Que pensou poder desfrutar
Mas que o tempo levou pra bem longe
E que nunca mais vai voltar.

PORTA-RETRATO

Simples retângulo
Janela da vida
Portador de imagens
De tempos vividos
Porta-retrato
Mundo imenso de sentimentos
Que a máquina gravou
Em apenas um momento
Portador de lembranças
De tempos que longe vão
De meninices e juventudes
Maturidades e anciãos
Portador de saudades
De alguém que deixou para trás
Rastro indelével de bondade

Simples retângulo
Objeto porta-tudo
De mágoas, alegrias e ternuras
Fala muito apesar de mudo
Porta o bom
Porta o mau
Porta até a imagem
Daquele que foi desleal
Oh! Porta -retrato
Que tudo pode portar
E que nos incentiva a recordar
Pequenos pedaços de vida
Vislumbres da existência
De cada um a vivência
De cada um a história
Na tela de nossa memória.

O VÔO DO POETA

Quero ver os homens
Subo às alturas
E acomodada no canapé das nuvens
Eu os olho cá de cima
São pequenos, são iguais
Quero ver os homens
Sento-me na cadeira de balanço
Da Lua minguante
E contemplo os homens
Caminham iguais
Falam da mesma forma
Têm o mesmo feitio
Quero ver os homens
Deito-me na almofada
Dourada das estrelas
E os olho, das alturas
Esses homens lá da terra
Me parecem semelhantes
Em suas formas humanas
Ainda quero ver os homens
Desço para o tapete macio das ondas
E já os vejo diferentes
Não me parecem mais tão iguais
Uns são maiores
E caminham em direções opostas.
Continuo ver os homens
Coloco os meus pés sobre a terra
Ando no meio deles
Misturo-me a eles
Sou um deles

Agora eu os vejo bem de perto
Como são heterogêneos!
Se lá de cima eu os vi tão iguais
Vejo-os agora, mundos de complexidades
Tão diferentes, tão distantes
Embora tão juntos, tão pertos!

A UM MAGISTRADO

ó homem que ao mesmo tempo
Na justiça e na Poesia militas
Depõe tua Balança e tua Espada
E por um momento reflitas
Tua afirmas que co'a mão
Escreves versos de amor
E com a outra despedes setas
Eivadas de veneno e dor
Ouve, ó homem imparcial
Tu que trazes uma venda nos olhos
Pode, acaso, nessa terra,
Colher figos dos abrolhos?!
Ou pode a doce uva
Apreciada no mundo inteiro Ser colhida a mancheias
De agressivos espinheiros?!

E a cristalina fonte
Que desce a colina a cantar
Pode num único momento
Água amarga e doce jorrar?!
Será mister de teu ofício
Ser assim paradoxal...
De um lado o bem, o amor...
E do outro, o ódio, o mal?
Perdoa-me, ó grande homem
Tão mesquinha indagação
E explica-me, eu te peço
Desta dualidade a razão.

MEU SONHO DE AMAR

Meu sonho de amar
É palha volúvel
Que o vento dispersa
Sem rumo ou destino
E feito de risos
Dentro da noite
Que a brisa dissipa
E as estrelas contemplam
Indiferentemente
Meu sonho de amar
É rosa tenra e bela
Que na aurora surge
Cheia de vida e beleza
Mas em vindo o sol e o vento
No final do dia
Jaz sem vida, inerte, morta
Como a palha, os risos, a rosa
Esse meu sonho de amar
Tão frágil, sem nenhuma textura...
Mas tão doce, tão envolvente...
Essa minha vontade de amar!

COMPARAÇÃO

No horizonte infinito
O poente dourado
Na areia da praia
O sol desmaiado

Nas pétalas da rosa
O orvalho molhado
Nos olhos do filho
O brilho encantado
No teu amor, meu irmão,
O consolo do coração
De um sentimento tão doce
Que alguém já me trouxe.

LEMBRANÇAS

Quando cessam os labores
E o sol já foi deitar
A fadiga chega ao corpo
Então ficamos a pensar
Voltam à mente cansada
E ao coração tão dorido
As lembranças empoeiradas
De tempos há muito vividos
Lembranças, velhas lembranças
Por que não vão se deitar?
Por que tanto se empenham
Em nos fazer recordar?

SOBRANCELHAS DE MONA LISA

Agarrei o Compromisso
Com as garras da ânsia
Mas ele escapou
Por entre meus dedos
Corri atrás da Integridade
Por caminhos sinuosos, escorregadios,
E ela imergiu
No pântano borbulhante
Coloquei a Competência
Entre as barras de uma jaula
Foi inútil
Ela conseguiu, com competência
Evadir-se
Procurei a Presença
Entre os presentes
Mas ela estava ausente
Onde está a Interlocução?
No ar, no chão?!
Não sei. Eu a procurei
Mas foi em vão.
Compromisso!
Integridade!
Competência!
Presença!
Interlocução!
Onde estão?
Hoje são
Sobrancelhas de Mona Lisa!

SEMEANDO POESIA

A exemplo do semeador
Sairei a semear
Não escolherei a terra
Meu grão é a poesia.
Lançarei minha semente
A quem goste
E também a que não goste
De poesia!
Serei despreocupada
Não olharei onde cai o grão
Se em corações rochosos
Se em corações à beira do caminho
Quem sabe talvez
Em corações férteis?!
Que importa?
Tomarei do meu regaço
A doce semente
E a lançarei a esmo
A mim me importa
Semear a poesia!

CANTO

"Todos cantam sua terra
Também vou cantar a minha
Nas débeis cordas da lira
Hei de fazê-la rainha."
Canto a terra em que nasci
Canto o céu, os rios, os mares
Também canto a sua gente
Meu torrão e meus amores
Se todos cantam sua terra
Eu também devo cantar
As belezas naturais
Que Deus nos quis doar
Canto os pampas, o pantanal
Também o sertão agreste
Canto a mata amazônica
Canto as praias do Nordeste
Mas..., oh! Pátria querida
Também tenho o que chorar
Os males que aqui campeiam
Que me causam tanto pesar
Choro a grande violência
Que assola nossas cidades
Choro o desemprego, a injustiça
A corrupção e a impunidade
Choro a grande desigualdade
Das riquezas não repartidas
Choro a infância e a velhice
Sempre tão mal assistidas
Todos cantam sua terra
Também canto o meu Brasil

Que apesar da tirania
Do sofrer do dia a dia
Continua sempre linda
Pátria amada, idolatrada
Meu lar e meu torrão
Brasil! Brasil do meu coração!

CLIPS

Sempre alguém segura alguém
A raiz segura o tronco
O tronco segura os galhos
Que também segura a flor
Segura a construção, o alicerce
Segura o filho, a mãe
Segura o fraco aquele que é forte
Numa corrente de clips
Sempre alguém segura alguém
Ninguém vive por si só
Na minha incapacidade
De viver sem ser segurada
Você é o meu clips
Que segura o meu coração
Bem junto do seu, preso
Pra não se soltar
Pra não se perder.

SINGULAR E PLURAL

Sou singular
Num mundo plural
No meio da pluralidade
Tenho que exercer minha singularidade
E na minha singularidade
Tenho que admitir a pluralidade
Pois o Universo é um grande plural
E este convive com o singular
Numa harmônica convivência
Estrelas com planetas
Meteoros com satélites
Água com o vento
Vegetais com minerais
Só o homem
Este ser chamado racional
Não amadureceu ainda
Para conviver com o diferente
Respeitando-o,
Até amando-o
Senhor,
Ensina-nos a Arte
De conviver com a diversidade!

FLORES

Flores, pobres flores
Comercializadas
Estereotipadas
Padronizadas
Flores, pobres flores
Nas vitrinas expostas
Sem nenhuma respostas
A tão grata proposta
Flores, oh santas flores
Sinônimo de amores
Em cálice de odore
Balsamo para as dores
Mas que são vendidas
Belezas perdidas
Traduzidas
Em forma de ouro
Prefiro as flores
Sem laços ou fitas
Colhidas a esmo
Por mãos benditas
Mas que tragam nelas
Mensagem inaudita
E digam simplesmente
"Para quem eu amo"

MALA POSTAL

Mala banal
Que traz no seu bojo
O bem e o mal.
Jogada, arrastada
A mala citada
Traz lembranças passadas
De vidas vividas
Traz esperanças
De vidas por viver.
A mala esperada
Não é bela por fora
Só o interior
Traz o amor
Traz o ódio
Traz alegrias
Também traz a dor
Não somente traz
Mas leva também
É a mala do leva-e-traz,
Leva pra ele
Leva pra ela
E traz pra mim
Palavras de alguém
Que falem de amor
Que mefaçam rir
E afugentem a dor.
Mala banal
Que traz no seu bojo
O bem e o mal
Jogada, arrastada
Mas sempre esperada
A Mala Postal

POR TRÁS DOS BASTIDORES

Suba ao topo da mais alta montanha
Esforce para ver o perto e o longe
Eu sei que verá um grande espetáculo
O mundo é um grande palco
Onde se desenrolam peças dos mais variados gostos
Dramas, comédias, tragédias, tragicomédias
Do lírico ao satírico
Todos os gêneros se fazem presentes
Aqui, é a fome que encena sua arte
Logo ali, a violência exibe seus talentos
Não muito longe, há uma apresentação da injustiça
Raças, credos, segmentos da sociedade
Se agrupam para um competição
Onde será o vencedor
Aquele que apresentar o espetáculo
Mais chocante, mais brutal, mais sangrento

Lembre -se, eu disse para esforçar a vista
Pois há um pequeno espetáculo
Pouco percebido, quase não-notado
É uma, mão que escreve um poema
É alguém que oferece uma flor
É uma furtiva lágrima de compaixão
É também uma carta de amizade
Generosamente colocada debaixo da porta
Obrigada, Senhor, por estes artistas anônimos
Que na sua exibição silenciosa
Despreendidos da ganância dos lauréis
Fazem deste palco de teatro de horrores
Um lugar onde ainda é possível viver.

APÊNDICE LITERÁRIO

PRODUÇÕES PANDÊMICAS

A BOLSA E O GUARDA-CHUVA

Num monturo, em um terreno baldio, uma bolsa velha e um guarda-chuva sem cabo, rememoravam o passado glorioso deles. Assim dizia a bolsa:

- Imagine, meu senhor, pois sou uma bolsa feita do melhor couro italiano. Lembro-me muito bem do dia em que fui comprada por uma rica senhora que passava por Veneza em viagem de férias. Era uma linda manhã e logo que sai da loja, carregada pelas mãos finas e enluvadas de minha nova dona, fomos fazer um passeio de gôndola! Ai, com me senti importante naquele dia. Fique o senhor sabendo que conheci as melhores cidades do mundo. Hospedei-me em hotéis magníficos, compareci às festas mais badaladas e outras bolsas, de qualidade inferior à minha, olhavam-me com a maior inveja!

Ao que o guarda-chuva retrucava:

- Quanta gabolice! Espere só quando eu relatar meu passado de glórias.

E a bolsa continuava:

- Guardei em meu interior valores incalculáveis, joias e moedas dos países mais ricos do mundo. Mas vou lhe contar um segredo que venho guardando todos esses anos, aliás esse é o meu maior orgulho, imagine o senhor que por vários anos carreguei uma carta de amor enviada a minha dona por um príncipe árabe, junto com um colar esmeraldas. Minha dona não sabia, mas eu li a carta toda, até de decorei aquela mensagem tão romântica. Ai, ai, são os segredos do coração.

O guarda-chuva que já estava meio sonolento com toda aquela lengalenga, abriu os olhos e para não se fazer inferior, começou sua história:

- Minha cara senhora, seu passado é, de fato, brilhante, mas nem se compara às glórias que vivi. Também não sou daqui meu senhor, um importantíssimo Senador, encomendou-me de Londres, aliás, diga-se de passagem, os ingleses, em questão de fineza e bom gosto, superam qualquer país. Mas continuando minha história, vim num enorme transatlântico, deitado confortavelmente num estojo de seda. Ao chegar aqui, passei a ser companhia constante de meu dono. Até, hoje ainda sinto as carícias suaves de seus dedos macios em meu cabo, até o roçar de seu anel de ouro que as vezes me faziam cócegas. Íamos a reuniões tão importantes, ouvi até segredos de Estado, mas fiel como sou nunca contei nada a ninguém. Viajei por lugares pitorescos, cobri também cabeças coroadas, que, aqui só pra nós, eram os amores de meu dono.

Como no seu caso também, fui alvo da inveja de outros guarda-chuvas, aqueles pobres morcegos desbotados. Também tenho meu momento de maior orgulho. Foi quando numa acirrada discussão política, servi de ama na mão do meu dono que pôs o adversário a correr debaixo do meu cabo de marfim (aliás, foi por isso que fiquei sem ele).

Um velho sapato que estava ali por peito, fazendo de conta que nada via e nada ouvia, não se aguentou, assim falou:

- Prezados companheiros de monturo, perdoem-me por intrometer em conversa alheia, mas olhem para vocês mesmos. Senhora bolsa, de que adiantou tanto luxo, tanta glória, se hoje não passa de uma sacola rasgada e suja e que só serve para ser morada de insetos asquerosos! E o senhor guarda-chuva sem cabo, cadê seu dono importante, seus passeios com damas da corte, seus segredinhos! Não passa de um trapo roto, de barbatanas quebradas! O pior cego é realmente aquele que não quer se enxergar. Como que combinados, os dois disseram ao mesmo tempo:

- Quem já foi rei, não deixa de ser majestade!

Naquele mesmo instante, ouviu-se o som estrepitoso de uma pá mecânica que foi ajuntando ludo a sua frente, inclusive nossos amigos de passado glorioso, pois o prefeito da cidade estava aterrando uma área e o monturo com todos os seus "habitantes" serviriam perfeitamente para entupir umas valas que antes serviam com esgoto da cidade.

PAIXONITE- "CAUSO"

Aos quatorze, quinze anos, Marcolina não era uma mocinha feia, mas também não era nenhuma beldade que chamasse a atenção.

Moça do interior, seu maior sonho era encontrar um marido, casar-se e ter um monte de filhos.

Acontece que os anos foram passando e nada de Marcolina encontrar aquele que viesse concretizar o seu sonho.

Enfeitava-se o mais que podia, não perdia os bailes, nem as festas da igreja e estava sempre presente onde houvesse música, danças e bastante gente.

Certa vez, chegou para o lugar, talvez vindo da capital, um rapaz que logo se tornou presença constante nas festas, nos aniversários, nos bailes e em tudo mais. Rapaz novo, bem apessoado, bigodinho fino, cabelos negros emplastados de brilhantina e de conversa e riso fáceis. Foi só os olhos de Marcolina bater no tal fulano, que não deu outra, amor à primeira vista, ou melhor, paixão das brabas.

Marcolina fez de tudo pra conquistar o rapaz, docinhos especiais, vidrinhos de perfume, lencinhos com monogramas e etc, etc, mas o cidadão não se tocava, indiferente mesmo.

Já cansado do assédio de Marcolina e até mesmo aborrecido, ele bolou um plano para se ver livre daquela situação desagradável.

Era mês de junho, um frio de arrepiar naquela região. O rapaz então propôs à Marcolina o seguinte:

- Marcolina, se você passar uma noite inteira dentro da cisterna, com água até ao pescoço, no outro dia eu me caso com você.

Ele não precisou falar duas vezes, Marcolina, de um pulo caiu dentro do poço, com a água gelada até o queixo.

Lá no fundo, ela começou a cantilena:

- Ó corpo de minh'alma! Hoje dentro do poço e amanhã nos braços do moço!

Repetiu a arenga várias vezes pela noite adentro e no final só se ouvia assim:

- Ó corpo de minh'alma! Hoje ...

No outro dia, os vizinhos retiraram o corpo de Marcolina de dentro do poço e se prepararam para fazer o enterro, foi ai que uma alma generosa propôs:

- Coitada da Marcolina! Não pode realizar seu sonho de casamento. Vamos então vesti-la de noiva, pelo menos dar a ela este último gostinho.

E foi assim que Marcolina foi enterrada de vestido branco, véu e grinalda e um buquezinho de flores de plástico enfiado à força entre seus dedos duros.

O RELÓGIO DE MIROVEU

Miroveu era um tipo bem característico de homem andarilho, ora aqui, ora ali, cruzando em seu cavalo os trilheiros que o conduzia às fazendas, aos lugares próprios das Minas Gerais naqueles idos do início do século passado.

Miroveu é um gambireiro, seu negócio é comprar e revender. Conhecido de toda região, ao ouvir sua musiquinha: "Miroveu que Mirotoque veio comprar capado ... " já sabiam que ali estava o comprador de porco gordo.

O certo é que Miroveu possuía alguma coisa, seu cavalo bom, algum recurso vindo de pequena herança e o lucro auferido com a revenda dos capados.

Certa vez, indo à cidade, Miroveu viu numa vitrina de uma relojoaria, um objeto que chamou muito sua atenção, um relógio de bolso, daqueles bem grandões que vinha acompanhado de uma longa corrente.

Entrou, conversou com o dono da relojoaria e ficou sabendo que aquele relógio era da marca Ômega. Não entendeu bem a palavra que para ele soou como Oméga. Não deu outra, vira daqui, vira dali, Miroveu comprou o seu Oméga. Era um luxo colocar o patacão no bolso do palitó e a corrente do outro lado.

Miroveu estava feliz com seu novo relógio, mas uma coisa o atormentava, o medo de quebrá-lo, ou perde-lo ou mesmo de que algum menino futriqueiro pudesse estragar seu tesouro.

Guardava seu Oméga nos lugares mais escondidos, debaixo do colchão, dentro de um saco, nalguma gaveta, mas nunca ficava tranquilo quanto à segurança do seu Oméga.

Certo dia teve uma ideia. Como o relógio possuía uma corrente longa, pendurou-o num prego que estava fincado bem alto, perto do telhado da sala. Miroveu ficou olhando e pensou:

- Parece que meu Oméga está bem seguro agora. Mas... pensando bem, se um menino ardiloso pegar uma vara comprida e cutucar o relógio, ele cai e quebra. Vou fazer a experiência para ver se estou certo.

Miroveu pegou a tal vara, deu uma cutucada no relógio que caiu e virou caco. Então, com a cara de quem comeu e não gostou, disse consiga mesmo:

- Eu não falei? Eu não falei que isso poderia acontecer?!

ERA DIGITAL

Digitus-digitalis, a era dos dedos que bem poderia ser chamada de Era dos Botões! Hoje, dificilmente alguém se aproxima de uma residência e diz:

- Ô de casa!

Simplesmente, aperta-se um botão.

Nossos dedos, partes integrantes de nossas mãos, sempre exerceram as mais variadas funções tais como dedilhar um teclado, escrever um poema, acariciar uma criança, assinar uma Lei que beneficia o povo, fazer o sinal da vitória e mesmo as mais simples tarefas que alegram o nosso próximo. Isso, em se tratando das funções nobres de nossos dedos.

Infelizmente, muitos dedos têm sido utilizados para o mal, e quão grande mal! Apertar um gatilho, acionar estopins das bombas, destruir a natureza, assenhorar-se do bem alheio e tantas outras ações deploráveis que ferem a dignidade do outro.

Mas, voltemos ao século XXI, era avançadíssima das tecnologias, da pós-modernidade onde nossos indispensáveis dedos assumem funções, as mais variadas: Que valor teria o celular se não fossem esses dedinhos! E o computador, a Internet que colocam os simples humanos em contato com toda orbis! E os complicadíssimos painéis que funcionam com um leve toque dos dedos?!

Pensem também nos infelizes cegos. Que seriam deles se não fossem os dedos para comunicação em Braille?

Por isso e por tantas coisas mais que não pude mencionar, é que digo em alto e com tom:

Viva a Era Digital ! ! !

A COMPANHIA

Já é tarde chego da rua, mas como está muito quente, não me decido a ir deitar. Ligo o rádio e na obscuridade da sala, preguiçosamente estirada no sofá, ora escuto o locutor, pessoas enviando seus recados, ora o pensamento vagueia longe, num passado distante relembrando fatos e pessoas que a névoa do tempo vai pouco a pouco encobrindo.

Estou só e este sentimento de solidão vai me dominando e uma melancolia profunda apodera-se de mim.

Mas, observando bem, vejo que não estou tão só - há uma companhia, um ser vivo! Uma pequena perereca que saiu não sei de onde e veio me fazer companhia.

Na semi-obscuridade da sala eu a observo e ela também me observa. Seu corpinho frágil e esverdeado, suas pernas longas demais para o corpo e um par de olhos grandes e escuros, fazem dela uma companhia singular. Mas como estou grata pela sua presença! Num ambiente onde tudo é inanimado, ela é uma coisa viva. Seus olhos estão brilhando e eu tenho certeza de que se ela pudesse falar, entabolaríamos, os o mais animado dos diálogos. Ela me falaria de sua vida, de seu temor de ser engolida por alguém, de ser esmagado pelo chinelo de uma mulher, que não se sabe por qual razão, odeia e teme tanto as pererecas.

Mas ela também me falaria do seu prazer de saltar no meio. das plantas verdes, úmidas e macias, de cantar seu canto rouco quando pressente a chegada das chuvas, afinal, sua alegria de viver e ser parte de um Universo onde cada manhã é o renúncio de uma nova esperança.

Em contrapartida eu também contaria para ela de meus sonhos desfeitos, da minha necessidade de ser amada e amar. Diria pra ela que também sou amante dos jardins, das flores e do barulho da chuva nas noites tranquilas.

Eu sei que, riríamos muito dos sustos que a vida nos passa e da tolice dos homens que não sabem ou não querem ser felizes e fazem desta vida, que poderia ser tão boa, uma coisa difícil e complicada.

Mas minha amiga perereca, se pensou tudo isto, não disse nada. Olhou-me com seus olhos brilhantes, sacudiu levemente sua pequena cabeça - Quem sabe num assentimento telepático? - esticou suas longas pernas e em dois saltos desapareceu.

Obrigada, pequena perereca de pernas longas e olhos brilhantes. Os momentos que você passou comigo foram tão bons. Deu-me a certeza de que nunca estamos sós, pois mesmo quando as pessoas faltam, seres pequenos e até desprezados, como você estão por perto e na sua linguagem muda dizem mais que as altas e claras vozes dos homens hipócritas!

VIDA

No âmago da pequena semente
No tipo de qualquer espécie
Há algo sublime e vivo
Que germina, avança e cresce.
No profundo seio materno
No corpo do ser feminino
Duas sementes ali se encontram
E acontece o milagre divino
No coração mais endurecido
Que o pecado um dia moldou
Caindo nele a semente do Evangelho
Uma nova vida desabrochou
No exemplo dessas três sementes
Manifesta-se o poder do Criador
Pois só a Ele pertence a vida
Somente Ele que é todo Amor!

COLAR DE PÉROLAS

Outro dia tive a oportunidade de comprovar a veracidade de uma frase que no momento me pareceu um tanto estranha: "O supérfluo é o mais importante porque só ele nos traz alegrias."

Como quase todo brasileiro de hoje em dia, sai para fazer as compras da semana com o dinheiro contadinho, nem mais nem menos, isto é, talvez para menos. Isto porque a dona de casa se tornou perita na arte de pechinchar. Ela sabe onde se vende mais barato, qual o açougue que deixa passar umas graminhas a mais, o mercado onde se encontra mercadorias que ainda não passaram pelo trac-trac furioso da maquininha de remarcar e coisas assim.

Pois bem, lá vou eu para esse trabalho milenar das mulheres, quando meus olhos caem em cheio num colar de pérolas falsas, estrategicamente colocado sobre um fundo de veludo preto. A atração foi grande. Parei.

- Senhorita, quanto custa este colar?

- Por enquanto ainda são 25,00, mas os próximos chegarão bem mais caros - respondeu ela com esta tática comercial tão nossa conhecida, mas que funciona sempre.

Já ia saindo, mas voltei-me para uma última olhada no colar. Era do jeito que eu estava querendo, o comprimento certo, o tamanho das pérolas certo e aquela cor amarelada que imita tão bem as pérolas verdadeiras. Na minha imaginação, ele, o colar, prosopopeicamente piscava para mim e dizia "Leva -me! Leva-me!"

Como nos desenhos de Walt Disney minha cabeça transformou-se numa antiga máquina de calcular: menos isto, descontando-se aquilo, suprimindo este outro, tá-ta-ra-rá-tá--tá!

- Senhorita, eu levo o colar.

Saí da loja com a sacola meio vazia, menos dinheiro na bolsa e relembrando um antigo poema típico da sabedoria chinesa:

"Se dos bens que existem neste mundo
Estás hoje em dia privado,
Se no fundo da tua despensa
Para ti, só dois pães tenham ficado
Vende um, e com o que lucrares
Compre flores para alma alimentares."

CALÇÃO DE COURO

História, estória ou lenda do Calção de Couro:

Era uma vez, num tempo que se perde no horizonte da história, uma região tão bela e rica que nos lembra o ambiente paradisíaco do éden. Nesse jardim tropical, onde o verde da mata se matizava com as penas multicoloridas de todos os tipos de aves, e com o cristal das águas dos rios, os animais viviam e se multiplicavam livremente. A onça pintada, marca registrada das matas brasileiras, encontrava neste ambiente seu habitat predileto. Com sua pele pintalgada sentia-se plenamente camuflada em meio à vegetação densa, em busca da presa que era facilmente apanhada.

Por sua vez, um grupo de viajantes, homens bravos que não temem o inusitado das brenhas, avança com suas montarias em meio às matas tão pouco exploradas. A viagem é longa, o tempo não conta, pois os homens de então não eram escravos de relógios ou de calendários. Apeiam-se de suas montarias, acampam-se às margens de um regato aprazível e ali permanecem alguns dias, reabastecendo as forças para prosseguir viagem rumo à tradicional festa do Divino na velha e histórica Meia Ponte.

Um dos viajantes, quem sabe, enfarado da farinha seca, da rapadura ou da paçoca de carne de sol, aventura-se pela mata em busca de carne fresca e saborosa do veado, da paca ou da capivara, tão abundantes na mata. Afasta-se dos companheiros, distrai-se com a beleza da região, não se dá conta do tempo e a noite cai, escura como breu...

No dia seguinte, os companheiros ansiosos com a demora do caçador solitário, saem a sua procura. Nenhum indício, nenhuma pegada no chão forrado de folhas, só o piar dos pássaros, o sussurrar das árvores copadas, o grito longínquo de algum macaco. Cansados, dirigem-se à margem do córrego para mitigar a sede. Ao passarem por uma clareira, oh! surpresa terrível! Bem diante dos seus olhos, jazem os restos do companheiro, os sobejos que a pintada, já farta, deixou ali. E junto aos restos daquele corpo, estava o calção de couro usado para proteção contra a aspereza da mata.

Assim nasceu o nome Calção de Couro, córrego que separa em duas partes a Goianésia tão querida!

CRUZEIRO VELHO

Ainda se pode ouvir o toc-toc dos machados derrubando o cerrado.
Braços vigorosos levando avante a empreitada.
Tombam inertes no solo, as árvores nativas, e a aroeira soberba morre,
para que ali viva, o sinal da fé no eito de terra desmatado!
Mãos calejadas lavram a madeira. O plac-plac do martelo ressoa na amplidão.
Os braços do cruzeiro estão abertos, para o abraço cristão!

O povo vem chegando de mansinho, pisando as pedras do caminho recém aberto.
Mulheres de vestidos novos, terços nas mãos.
Homens de botinas, chapéus debaixo dos braços, sisudos, compenetrados,
desfilam pelas trilheiras, engrossando a Procissão.
Cantam-se ladainhas, reza-se o "Bendito Seja" e Deus, lá do infinito, derrama
suas bênçãos sobre a região!

Trinta de outubro de um mil e novecentos e quarenta e três, o cruzeiro é
levantado.
O marco de fé aqui foi colocado. Cinquenta e sete anos depois, lá está ele, ainda
no mesmo lugar!

Os anos passam, passam as pessoas, uns morrem, nascem outros, as crianças
ficam jovens, os jovens envelhecem, o progresso chega, a cidade cresce, uns
vem, outros vão, e ele, o cruzeiro, impassível, permanece!
Ó cruzeiro velho, se tu pudesses, tu nos contarias todas as histórias dos
pioneiros,
porque és testemunha do passado! E, por certo, continuarás firme no presente,
antevendo o futuro promissor de GOIANESIA, nossa cidade, a cidade dos sonhos
de LAURENTINO MARTINS RODRIGUES, o seu grande fundador!